



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA**

ANGÉLICA RITA DE ARAÚJO

**A MENTE QUE REPLICA O MEME: AMBIENTE ESCOLAR E POSSIBILIDADES
DIDÁTICAS NO ENSINO DE HISTÓRIA (2018)**

**GUARABIRA
2019**

ANGÉLICA RITA DE ARAÚJO

**A MENTE QUE REPLICA O MEME: AMBIENTE ESCOLAR E POSSIBILIDADES
DIDÁTICAS NO ENSINO DE HISTÓRIA (2018)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

Área de concentração: Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima

**GUARABIRA
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A658m Araújo, Angelica Rita de.

A mente que replica o meme [manuscrito] : ambiente escolar e possibilidades didáticas no ensino de história (2018) / Angelica Rita de Araujo. - 2019.

28 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.

"Orientação : Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima , Departamento de História - CH."

1. Ensino de História. 2. Memes. 3. Subjetividade
Midiática. I. Título

21. ed. CDD 372.89

ANGÉLICA RITA DE ARAÚJO

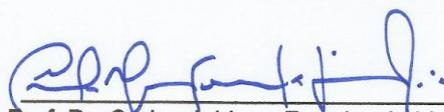
A MENTE QUE REPLICA O MEME: AMBIENTE ESCOLAR E POSSIBILIDADES DIDÁTICAS NO ENSINO DE HISTÓRIA (2018)

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

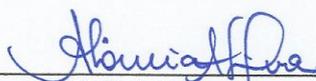
Área de concentração: Ensino de História.

Aprovada em: 21 de Novembro de 2019.

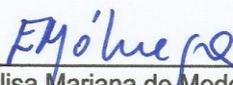
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.ª Dr.ª Alômia Abrantes da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.ª Dr.ª Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

“The people... who know the most about how postmodernism feels (as distinct from how to envision or analyze) are all the age of sixteen.”

HAYLES, Katherine (1990)

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Proporção de crianças/adolescentes por frequência de uso da internet (2014).....	16
Gráfico 2	Crianças e adolescentes, por frequência de uso da internet (2018).....	17

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Meme Nazaré Tedesco – Período Regencial.....	21
Figura 2	Meme Chloe – Golpe da maioria.....	22
Figura 3	Meme Willy Wonka irônico – partidos políticos Segundo Reinado...	22
Figura 4	Relato da discente.....	23

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	DOS MOLDES EDUCACIONAIS DO SÉCULO XIX À SUBJETIVIDADE MIDIÁTICA DO SÉCULO XXI.....	10
3	O MEME COMO RECURSO DIDÁTICO NAS AULAS DE HISTÓRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO DE REGÊNCIA.....	20
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
	REFERÊNCIAS.....	25
	ANEXOS.....	27

A MENTE QUE REPLICA O MEME: AMBIENTE ESCOLAR E POSSIBILIDADES DIDÁTICAS NO ENSINO DE HISTÓRIA (2018)

THE MIND THAT REPLICATES THE MEME: SCHOOL ENVIRONMENT AND TEACHING POSSIBILITIES IN HISTORY EDUCATION (2018)

Autora: Angêlica Rita de Araújo¹

RESUMO

As transformações tecnológicas disseminadas no século XXI e novas formas de sociabilidade deste mesmo século possibilitaram novas matizes de identidades e subjetividades que ressoam em todas as áreas da vida humana, incluindo o campo educacional, escopo de nossa análise a partir do recorte que propomos. Desta forma, o presente trabalho partindo de fins do século XVIII até sua crise no século XXI, teve como objetivo apresentar a instituição escolar, a subjetividade midiática e a dicotomia geracional inseridas nesse espaço. Para tanto, discute a utilização, criação, transcrição de memes enquanto possibilidade didática no Ensino de História, através da experiência no Estágio de Regência II, resultando na construção de uma aprendizagem significativa. De caráter qualitativo e quantitativo, utilizou como referencial Dussel (2003), Foucault (1987), Sibilia (2012), Schmidt (2011) e resultados de pesquisas a nível nacional, como a TIC Kids Online Brasil (2018) e a Prova Brasil (2017).

Palavras-chave: Ensino de História. Subjetividade midiática. Memes.

ABSTRACT

The technological transformations disseminated in the 21st century and new forms of sociability of the same century have enabled new shades of identities and subjectivities that resonate in all areas of human life, including the educational field, the scope of our analysis based on the approach we propose. Thus, the present work, starting from the end of the eighteenth century until its crisis in the twenty-first century, aimed to present the school institution, the media subjectivity and the generational dichotomy inserted in this space. To this end, it discusses the use, creation and transcreation of memes as a didactic possibility in History Teaching, through the experience in Regency Stage II, resulting in the construction of meaningful learning. Qualitative and quantitative, it used as a reference Dussel (2003), Foucault (1987), Sibilia (2012), Schmidt (2011) and national research results, such as TIC Kids Online Brasil (2018) and Prova Brasil (2017).

Keywords: History teaching. Media subjectivity. Memes.

¹Aluna da Graduação de História da Universidade Estadual da Paraíba – CAMPUS III.
E-mail: angelica.ritart@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Nos fios, nós, redes e enredos que constituem o conhecimento histórico, identidades se constroem de acordo com as características, pressupostos, estigmas, normas e valores de cada temporalidade, corroborando com o provérbio árabe citado por Marc Bloch “Os homens se parecem mais com sua época do que com seus pais” (2002, p. 60). Nesse sentido, embora construídos, educados, criados e envoltos em alguma tradição, seja religiosa ou cultural, por vezes os jovens contemporâneos de sua época costumam absorver determinados traços que são característicos a seu presente.

Neste sentido, o século XXI vem sendo marcado por notáveis mudanças, em todas as áreas da humanidade, como também, permeado por confirmações de teorias anteriores. Entre os diferenciais deste século² destaca-se a validação da existência da matéria escura (2006), material que compõe o Universo, exerce força gravitacional e é invisível; a criação da primeira célula cem por cento artificial, criada através de um computador (2010) e o primeiro comando mental de uma prótese robótica realizado por um humano (2009). Estas transformações citadas anteriormente promovem reflexões nas mentalidades da sociedade em geral, além de constituírem o espaço em que se desdobraram, criam, questionam e subsidiam as subjetividades dos indivíduos deste tempo.

Destaca-se que este estudo dá ênfase às influências a cultura de mídia, em formato digital, que se tornam cada dia mais intrínseca ao cotidiano da sociedade ocidental, principalmente após a popularização, neste século, do smartphone e as mídias sociais digitais.

Neste panorama de tantas mudanças e sobressaltos, inclusive de crises democráticas, o cenário educacional, notadamente o Ensino Básico, enfrenta momentos de crise, uma vez que os jovens da denominada geração Z³, nativos digitais⁴, nomeado por Marc Prensky (2001), dotados de uma subjetividade midiática conforme Paula Sibilía (2012), por vezes não se conectam no modelo da instituição escolar, problematizado por Michel Foucault (1987).

Neste sentido, ao adentrar a sala de aula, no momento da realização do Estágio de Regência II no curso de licenciatura em História pela Universidade Estadual da Paraíba, constatou-se o desinteresse acentuado de adolescentes pelo componente curricular de História, assim como a insatisfação aos moldes da escola tradicional. Posto isto, este trabalho buscou entender as prováveis motivações deste desentusiasmo e descrever as medidas tomadas nas aulas no período do Estágio como tentativa de soluções.

Sendo assim, através de uma abordagem qualitativa, este artigo objetiva apresentar algumas informações da escola enquanto instituição, pela perspectiva foucaultiana de Inês Dussel (2003), tendo como recortes temporais fins do século XVIII e início XIX, e a atualidade, pós primeira década do século XXI, explorando conceitos como a subjetividade midiática, Sibilía (2012), como também por uma abordagem quantitativa através da análise das estatísticas elaboradas por

² Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/ultimas-noticias/redacao/2015/05/21/veja-as-15-maiores-descobertas-cientificas-da-ultima-decada.htm>. Acesso em: 14 de nov de 2019.

³ Caracterização feita pela sociologia para denominar pessoas nascidas a partir da segunda metade da década de 1990, geração que surgiu concomitante às novas tecnologias virtuais.

⁴ Crianças e adolescentes que nasceram na era digital, final do século XX. “São todos ‘falantes nativos’ da linguagem digital dos computadores, vídeo games e internet”, segundo Prensky (2001).

pesquisas nacionais, a saber TIC Kids Online Brasil⁵ (2018) e da Prova Brasil⁶ (2017). Por fim, inserindo-se no campo do Ensino de História, foi descrito a utilização de memes, explicaremos sobre o mesmo no decorrer do artigo, nas aulas do Estágio em História, como recurso didático, na tentativa de proporcionar aos nativos digitais uma aprendizagem ainda mais significativa, conforme Maria Auxiliadora Schmidt (2011) e as competências propostas pela Base Nacional Comum Curricular (2018).

2 DOS MOLDES EDUCACIONAIS DO SÉCULO XIX À SUBJETIVIDADE MUDIÁTICA DO SÉCULO XXI

“Acordo cedo, levanto, coloco o uniforme, vou à escola. Aquele ambiente fechado, geralmente rodeado de muros altos, portões e grades, no qual passo minhas manhãs durante vários anos da infância e adolescência. Cumprimentar o inspetor logo ao entrar. Dar bom dia a diretora que encontro no corredor. Entro na sala. Sendo a primeira a chegar, encontro as carteiras enfileiradas, em perfeita ordem, uma atrás da outra. Quadro limpo. Birô vazio. Inicia-se mais um dia de aula.” Ao ler esta passagem, questiona-se: em que época se passa esse relato? Trata-se de algo ocorrido ontem? A cinco ou vinte anos atrás?

A descrição acima poderia ter sido feita por um discente do século XIX, como também no contexto atual, do século XXI, em que a organização pedagógica e arquitetura das escolas, principalmente as públicas, aparentemente conservam-se as mesmas. A aplicabilidade em diferentes temporalidades do relato anterior demonstra ao leitor atento que a instituição educacional, leia-se, a escola, prevalece com seus moldes durante alguns séculos.

Caso a leitura seja totalmente despretensiosa, a este pequeno parágrafo não se atribuirá muita reflexão, uma vez que para boa parte do imaginário da população ocidental contemporânea a partir do século XIX, ir a escola regularmente “é tão normal quanto escovar os dentes”. Porém, como será visto adiante, a instituição escolar e a alfabetização, diferentemente do discurso, em partes romantizado pelo ideal de “evolução” da sociedade, tinham outros objetivos.

Imposta como “natural” a sociedade, de modo que para alguns é vista como tal, a instituição⁷ escolar, uma entre alguns tipos de instituição, não é aceita por todos nem nasceu de forma espontânea, mas sim, para atender determinadas demandas que a sociedade disciplinar moderna, nascida em fins do século XVIII, necessitava. Desta forma, antes da escola ser a instrutora oficial de conhecimentos básicos, as aulas poderiam ser realizadas em mosteiros ou em aposentos de alguma família abastada, junto a um preceptor ou mestre, que ensinava de forma individual ou em pequenos grupos.

Somente a partir de fins do século XVIII que as aulas passam a ser em grupos maiores e em locais específicos, pois é neste período que a sociedade europeia, considerando as particularidades de cada país, começa a tomar novas

⁵ Disponibiliza no site do Núcleo da Informação e Coordenação do Ponto BR - NIC.br. Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids Online Brasil.

⁶ Renomeada por Avaliação Nacional do Rendimento Escolar em 2019, a antiga Prova Brasil é uma avaliação que mede o rendimento das matérias escolares de língua portuguesa e matemática, nas escolas públicas do Brasil, feita por estudantes do 6º ano e 9º ano do Ensino Fundamental, aplicando também, questionários a seus respectivos professores

⁷ Compreendido por Foucault como lugares de confinamento, sobretudo como tecnologias de poder na produção de corpos dóceis.

formas após acontecimentos relevantes deste século, como a Revolução Industrial, a Revolução Francesa e o Iluminismo (Silva, 2018). O ritmo das fábricas, a formação das cidades, a Declaração dos direitos dos homens (1789), os novos ideais almejados por parte da população, são ingredientes que compõem a sociedade moderna que nasce aos poucos a partir das cinzas expelidas pelas chaminés.

Neste mesmo íterim cidades são construídas, com o que se tem, e como se pode. Novos costumes são formulados, novas rotinas, desejos, insatisfações, explorações, formas de trabalho. Um novo mundo nasce, porém, dificilmente abandonam-se imediatamente seus referentes estruturantes, como atesta o contexto de Longa Duração⁸, e nem se constitui de forma homogênea. Do feudo, o senhor feudal e a predestinação, para as cidades, os representantes políticos e a “liberdade” de ascender socialmente por meio do trabalho duro.

Observando esse novo cenário de nascimento das cidades modernas, fins do século XVIII e início do XIX, que a sociedade europeia apresentava, a escola como é conhecida na atualidade nasce. Concomitante ao surgimento das cidades, passava-se a ser necessário instruir as massas. Mas não só instruir tecnicamente. Fundamental seria formar indivíduos que estivessem habituados a nova forma de vida dos centros urbanos e seus respectivos trabalhos.

Pensadores da época, filósofos da modernidade do século XVIII-XIX, refletiram sobre formas de “civilizar” a população memorizando novos modelos de comportamento, sobretudo inculcando a obediência assistida. Como pode ser observado na perspectiva do filósofo Immanuel Kant (1724-1804):

[...] as crianças são encaminhadas à escola, não ainda com a intenção de que aprendam algo, mas sim com o objetivo de habituá-las a permanecer em silêncio e a observar pontualmente o que lhes é ordenado, para que mais tarde não se deixem dominar por seus caprichos momentâneos (KANT, 1803; 1983, p. 30 apud DUSSEL, 2003, p. 111).

Neste sentido, o objetivo principal seria disciplinar e instruir conhecimentos “mecânicos”, pelo método global, como contar e soletrar. Apenas posteriormente a memorização perdeu espaço para a compreensão, e os indivíduos deveriam gradualmente aprender a pensar.

É no século XIX que a escola moderna se desenvolve, começa a tomar forma e ritmo. Nesta época emergem alguns métodos de ensino, conforme o já mencionado, e outros, como o método mútuo, formulado por Joseph Lancaster⁹ (1778-1838) que se baseava na utilização sistemática de discentes auxiliares, permitindo alfabetizar muitas crianças ao mesmo tempo a baixo custo.

A chamada escola lancasteriana seguia uma forma de ensino sistematizada. O professor, normalmente presente na frente da sala de aula, auxiliado pelos monitores, cada um encarregado de uma fila de discentes, ditavam exercícios, para que eles respondessem em suas lousas, e quando necessário e ordenado pelo mestre, os discentes deveriam responder em grupo. Aqueles que

⁸ Conceito histórico elaborado por Fernand Braudel em 1949, em que divide os tempos históricos em estrutural, conjuntural e fatural. Para saber mais, ler: BRAUDEL, F. História e Ciências Sociais: a longa duração. In: Escritos sobre a História. Trad. J. Guinburg e Tereza Cristina Silveira da Mota. São Paulo: Perspectiva, 2007. p.41-78.

⁹ Pedagogo inglês que criou uma escola (1798), inicialmente sem investimentos externos, para filhos de trabalhadores, no subúrbio de Londres, ensinando estes a ler e a contar.

executavam suas ordens com menos erros recebiam um cartaz de mérito e sentavam na primeira fila. Era exigido aos pais que os discentes chegassem pontualmente nas aulas. Como também, o planejamento escolar deveria seguir os horários à risca. A preocupação com o tempo refletia a interiorização do ritmo que emergia do capitalismo. Este método criado por Lancaster foi comparado ao funcionamento da indústria nascente, como também a estrutura militar conforme Inês Dussel (2003).

Ainda durante o século XIX outros pesquisadores contribuíram com suas reflexões a respeito da escola e as formas de ensino, como por exemplo, Johann H. Pestalozzi (1746-1827) e seu método intuitivo e Johann F. Herbart (1776-1841) e sua inicial cientificização da pedagogia. Dando os primeiros passos em direção a psicologia¹⁰ aliada ao ensino, iniciaram a utilização de métodos didáticos em que os discentes eram considerados com mais atenção. A formação específica para os mestres começou a ser defendida, passando a ser designados como educadores, cabendo não só alfabetizar as crianças, como também incentivar valores morais. A partir deste período, “a escola deveria considerar tanto a graduação dos conhecimentos no currículo como a utilização de métodos diferenciados de acordo com a idade, o sexo e o nível de aprendizagem” (DURÃES, 2011, p. 473).

A instituição escolar passa a estabelecer fronteiras facilitando sua definição, e sua identificação passa a ser mais padronizada:

A organização de um espaço serial foi uma das grandes modificações técnicas do ensino elementar. Permitiu ultrapassar o sistema tradicional (um aluno que trabalha alguns minutos com o professor, enquanto fica ocioso e sem vigilância o grupo confuso dos que estão esperando). Determinando lugares individuais tornou possível o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos. Organizou uma nova economia do tempo de aprendizagem. Fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar. J.- B. de La Salle imaginava uma classe onde a distribuição espacial pudesse realizar ao mesmo tempo toda uma série de distinções: segundo o nível de avanço dos alunos, segundo o valor de cada um, segundo seu temperamento melhor ou pior, segundo sua maior ou menor aplicação, segundo sua limpeza, e segundo a fortuna dos pais (FOUCAULT, 1987, p. 137).

A mentalidade que se construía no período moderno é identificada facilmente na descrição de Foucault. O tipo de organização, a vigilância, a intenção de controlar várias pessoas ao mesmo tempo, recompensas aqueles que seguem a risca as ordens, refletia o que se esperava de uma sociedade que almejava a ordem e o progresso.

Embora no século XIX tenham se desenvolvido várias propostas educacionais que apresentavam semelhanças e diferenças entre si, uma característica perpassava a grande maioria: a governamentalidade, técnicas de condução e vigilância, embutidas nos métodos de ensino.

Quando se trata da primeira metade do século XX Ocidental, especificamente europeu, pode-se afirmar que algumas mentalidades e sistemas econômicos, como é o caso do capitalismo, já estão se consolidando. As cidades se estabelecem, o trabalho assalariado, notadamente nas fábricas, se torna uma constante, as formas de locomoção e comunicação avançam tecnologicamente, e

¹⁰ Apenas em fins do século XIX surgem pesquisas e estudiosos sobre a psicologia educacional. Por exemplo: John Dewey (1859-1952), Jean Piaget (1896-1980) e Lev Vygotsky (1896-1934).

a ciência se torna o pilar essencial do progresso. As “Leis Naturais” passam a ser “dominadas” pelos eruditos, os estudos medicinais avançam, o higienismo, ou seja, as preocupações com o asseio individual e coletivo, o saneamento e estrutura das cidades também. Consequência disso é o aumento da expectativa de vida, e provavelmente, populacional. A Biologia, a Psicologia, a Física, Matemática, a cientificidade era imperativa, fórmula para o crescimento, o desenvolvimento, a “evolução” da sociedade.

Na educação do século XX, constata-se uma certa homogeneização e centralização das formas de educar por parte dos Estados Nacionais, estes se responsabilizam pela escolarização básica, tendo sob controle o que se ensinava e como, pois o produto resultante, segundo Foucault, da “máquina de ensinar”, deveria atender aos objetivos daquela que se formava como nação. Desta forma, “a escola passou a fazer parte de uma estrutura de massa, o sistema educacional, e serviu como modelo e centro de transmissão da cultura letrada” (DUSSEL, 2003, p. 158).

Os governantes passam a enxergar os indivíduos como população. As grandes massas que circulavam nos centros urbanos necessitavam de atenção e novas formas de serem administradas, conduzidas, mecanismo nomeado pelo filósofo Michel Foucault como biopoder, sendo este “o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder” (2008, p. 3).

Dentro dos moldes positivos da modernidade do século XX, mensurar, enquadrar, estabelecer padrões que podem ser postos a comparação e testes se faziam necessários. Desta forma, a pedagogia normalizadora passava a estabelecer um parâmetro comum, para que os discentes fossem avaliados por estes, e assim fosse considerado dentro ou fora do padrão. Os professores, representantes do Estado, deveriam ser austeros, controladores e com posicionamentos assépticos. Aos discentes cabia obedecer às ordens e ensinamentos do professor, este que tinha “uma grande missão” de formar os cidadãos do futuro.

Porém, neste mesmo século, contrariando os esmerados ideais cunhado na autodenominada idade das luzes, Revoluções e Guerras causam polarizações e desestabilizam os sonhos que foram atestados e certificados pelos eruditos da época¹¹. As estruturas que, aparentemente eram tão sólidas e perfeitas foram abaladas por fatos, acontecimentos, que fizeram a sociedade repensar suas certezas. O organismo vivo, ou seja, a população, se desestabiliza, e isso é refletido no funcionamento das instituições. Todavia, ressalta-se, tratando-se de seres humanos que são indivíduos com características particulares, inseridos em ambientes políticos e sociais diversos, a aparente uniformidade e regulação esperada pelos ideais, normalmente não são de fato cumpridas, isto é, a harmonia e perfeição prevista através da disciplina foram tentativas de estabelecer uma coesão social. Neste sentido, a sociedade disciplinar, tal qual reconhecida nos dois séculos anteriores ao XXI perde fôlego.

A partir da segunda metade do século XX a repressão passa a ser questionada de frente, os novos movimentos sociais, tais como o Protesto na Praça da Paz Celestial (1989), a Primavera de Praga (1968), Maio de 1968 na França com a rebelião estudantil que protestava a favor da paz, contestava o

¹¹ Dussel, 2003, passim.

conservadorismo e o tipo de progresso que se almejava. Além dos questionamentos que levaram ao momento de ruptura de paradigmas, as descobertas científicas, como o desenvolvimento da Teoria da Relatividade, elaboradas décadas antes por Albert Einstein (1879-1955), e os avanços tecnológicos surpreendentes, sensibilizaram a sociedade letrada.

Mobilizados pela competição tecnológica, notadamente durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e posteriormente de forma significativa com a Guerra Fria, foram lançados satélites artificiais que proporcionaram a transmissão de dados, como por exemplo dados de navegação, a partir de 1960, através do Sistema de Posicionamento Global¹² (GPS), de meteorologia, de comunicação, entre outros. Uma das criações do século XX foram o Computador, de grandes proporções até o portátil, a World Wide Web (rede mundial de computadores), o Telefone portátil¹³, que mudaram as formas de comunicação e relação entre os indivíduos. Nasce a Era da Informática, ou Terceira Revolução Industrial, datada em fins do século XX, popularizaram-se os sistemas eletrônicos, que permeiam o ambiente individual, corporativo e industrial. As transformações ocorridas neste século no âmbito social, científico, econômico, político e cultural foram profundamente significativas para o século seguinte.

Diante as mudanças ocorridas na sociedade durante o século XX, transgredindo o ideal positivo disciplinar, proposto no século XIX, explicitado por Michel Foucault, o filósofo Gilles Deleuze anuncia em entrevista a Antonio Negri:

É certo que entramos em sociedades de “controle”, que já não são exatamente disciplinares. Foucault é com frequência considerado como o pensador das sociedades de disciplina, e de sua técnica principal, o confinamento (não só o hospital e a prisão, mas a escola, a fábrica, a caserna). Porém, de fato, ele é um dos primeiros a dizer que as sociedades disciplinares são aquilo que estamos deixando para trás, o que já não somos. Estamos entrando nas sociedades de controle, que funcionam não mais por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea (DELEUZE, 1992, p. 214-215).

Através dos dispositivos eletrônicos a comunicação entre os seres humanos tomou dimensões significativas. A aproximação virtual proporcionada por estes, seja em chamadas de áudio, transmissão de imagens em vídeo, mensagens de textos instantâneas, produzem a impressão de proximidade, e embora mais sutil, as câmeras de segurança espalhadas pelas cidades também fazem parte desta sociedade de controle esboçada por Deleuze. Mais enfático se torna este controle no século XXI, em que a popularização do smartphone e as mídias sociais digitais¹⁴ confrontam a privacidade arquitetada pela burguesia liberal de épocas precedentes.

Retomando a análise sobre a instituição escolar, construída no século XIX – enfatizando que a mesma, por ser uma construção, logo, não é algo dado, natural, neutro –, mediante os moldes disciplinares, passa por momentos de crise na contemporaneidade, como será exposto adiante.

¹² Disponível em: <https://www.historiadetudo.com/gps>. Acesso em: 14 de nov de 2019.

¹³ Disponível em: <https://escolaeducacao.com.br/as-grandes-invencoes-do-seculo-xx/>. Acesso em: 14 de nov de 2019.

¹⁴ São meios de comunicação que permitem conexão, interação e compartilhamento de conteúdos entre usuários de sites ou aplicativos, como por exemplo Facebook (2004) e Youtube (2005).

Considerando as condições sociais, políticas e principalmente econômicas, o neoliberalismo vem tomando grandes proporções e consequências notadamente nas questões sociais¹⁵, implicando no funcionamento das instituições, Sibilia enfatiza sobre a crise escolar:

A perda da eficácia no funcionamento bem azeitado das engrenagens disciplinares é, justamente, um dos indícios da crise atual. Um ingrediente primordial dessa deterioração é o enfraquecimento do Estado no papel de megainstituição capaz de avaliar e dotar de sentido todas as demais [...] Assim, a incompatibilidade aqui sugerida – entre a escola como tecnologia de (outra) época e a garotada de hoje – seria um sintoma sumamente eloquente desse desajuste histórico que vivemos hoje (SIBILIA, 2012, p. 25).

Ademais as implicações econômicas e políticas expostas pela autora anteriormente, reforça-se que sob o mesmo teto escolar, constata-se uma dicotomia geracional, uma instituição do século XIX, guiada por professores com formação baseada no século XX, imigrantes digitais, ensinando discentes nascidos no século XXI, nativos digitais (PRENSKY, 2001). Desta forma, Sibilia enfatiza que existe uma incompatibilidade entre a subjetividade que era produzida sob os moldes da escola do século XIX, descrita por ela como subjetividade pedagógica ou cidadã, e a das crianças e adolescentes atuais, com subjetividade informacional ou midiática.

Neste sentido, considerando os desenvolvimentos tecnológicos evidenciados anteriormente e a crescente popularização de aparelhos eletrônicos e digitais nos núcleos familiares de diversas classes sociais durante fins do século XX e início do XXI, tornou-se cada vez mais comum a interação virtual, proporcionada pela internet, e domínio desses aparelhos entre crianças e adolescentes, através de notebooks, videogames, tablets e telefones celulares.

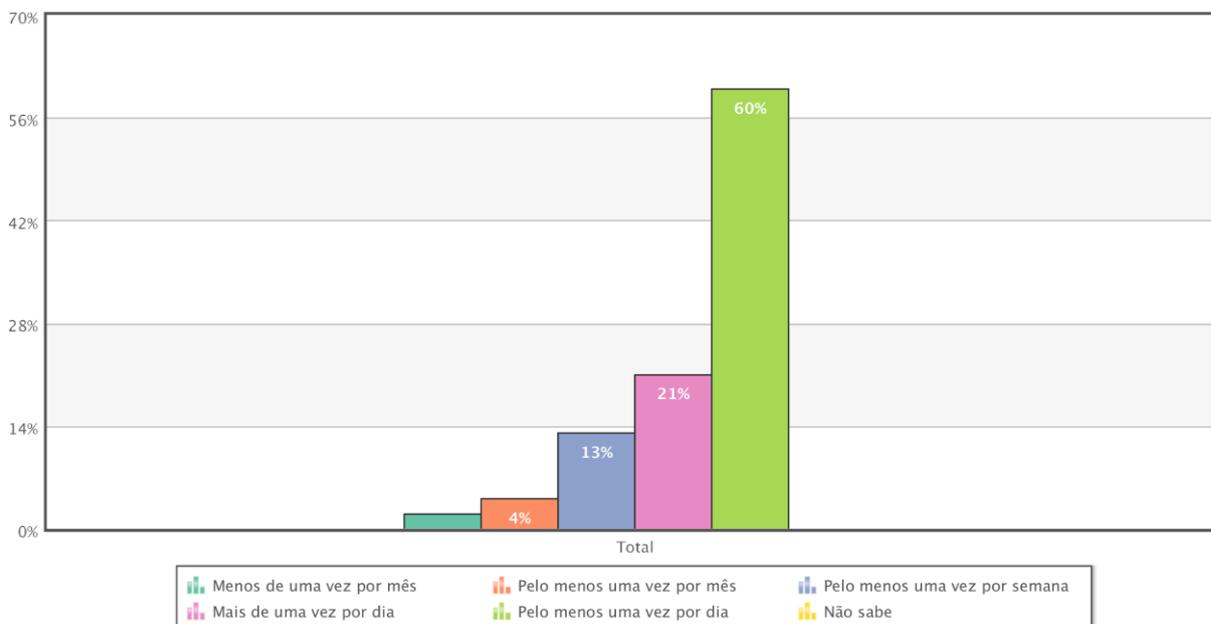
Sendo assim, tratando-se dos discentes deste século, ou seja, a geração Z, cresce rodeada de aparelhos tecnológicos, sendo eles “naturais” ao seu mundo. A antiga geração alfabetizada no impresso, que aprendeu a pensar como um livro, está vendo seus filhos serem alfabetizados pela mídia como aponta o cientista político James Allen Dator.

Com a crescente inserção das tecnologias digitais no cotidiano dos indivíduos, estudos sobre o uso de aparelhos digitais e acesso à internet na vida de crianças e adolescentes são feitos. Por exemplo, o Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (CETIC) vem realizando desde 2012 a pesquisa TIC Kids Online Brasil, que abrange todo território nacional, similar a pesquisa europeia EU Kids Online, visando entender de que forma crianças e adolescentes (9 a 17 anos) utilizam a Internet e como lidam com os riscos e as oportunidades decorrentes desse uso.

Neste sentido, comparando gráficos¹⁶ referentes ao ano de 2014 e 2018, respectivamente, sobre a frequência de uso da internet por crianças e adolescentes de 9 a 17 anos, os resultados são consideráveis:

¹⁵ Para maior aprofundamento na temática, ver: ANDERSON, Perry. Balanço do Neoliberalismo In: SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs.) **Pós neoliberalismo**: as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 9-23.

¹⁶ Disponível em: <https://cetic.br/pesquisa/kids-online/>. Acesso em: 08 de nov de 2019.

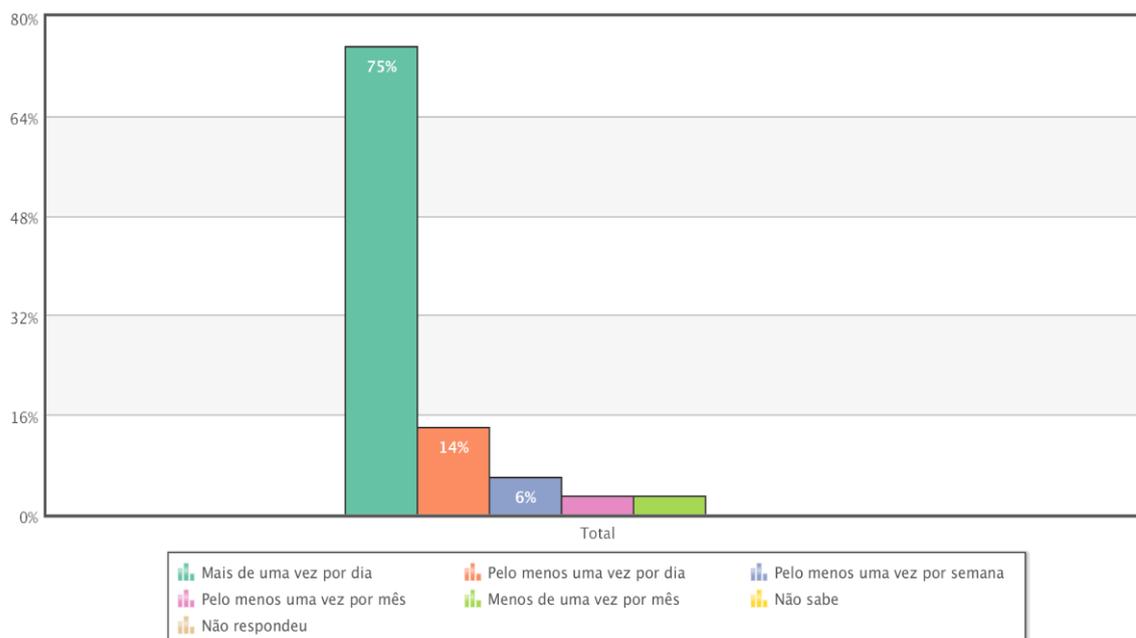
Gráfico 1 - Proporção de crianças/adolescentes por frequência de uso da internet (2014)

Fonte: CGI.br/NIC.br, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br).

Conforme observamos no gráfico 1, em 2014¹⁷, 21% dos adolescentes afirmaram acessar a internet mais de uma vez por dia, em contrapartida, conforme o gráfico 2 a seguir, em 2018, esta porcentagem sobe para 75%. Portanto, em intervalo de quatro anos houve aumento em 54% na intensidade de acesso à internet. A intensificação de acessos leva a refletir sobre quais são os limites entre o “real” e o virtual para estas crianças e adolescentes, uma vez que é comum ouvirem de adultos que “devem sair do celular e viver a realidade”. Então, questiona-se, o que seria real e artificial para essa faixa etária do século XXI?

Essa interação acentuada no ciberespaço, sendo ele, “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores”, promove cada vez mais a utilização e interiorização de aspectos da cibercultura, que é “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem acompanhado do crescimento do ciberespaço” (LEVY, 1999, p. 16 e 17), conforme observamos no próximo gráfico.

¹⁷ A pesquisa dos anos 2014 e 2018, sequencialmente, tiveram como amostras 2.105 e 2.964 crianças e adolescentes entrevistados.

Gráfico 2 - Crianças e adolescentes, por frequência de uso da internet (2018)

Fonte: CGI.br/NIC.br, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br).

Além da frequência de visitas ao ciberespaço, a pesquisa TIC Kids Online Brasil também apontou em seu escopo, disponibilizado no site Cetic.br, que 82% das crianças e adolescentes entrevistados possuem redes sociais, e 77% usam para se comunicar. Desta forma, é necessário destacar outro tipo de cultura que vem se desenvolvendo, ou seja, a cultura da mídia, que segundo Santaella (2003) é uma cultura intermediária, entre a cibercultura e a cultura digital, que foi sendo semeada por processos de produção, distribuição e consumo comunicacionais.

A partir desse contexto apresentado pelos resultados da pesquisa e considerando que essas crianças e adolescentes estão dentro da sala de aula e por várias vezes veem os professores como alienígenas, e vice e versa como aponta Tomaz Tadeu da Silva (2013), afirma-se a necessidade de que os professores, notadamente por ocupar posições importantes dentro do ambiente escolar, atentem para estas novas formas culturais e suas influências na vida de crianças e adolescentes, pois “a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade” (WOODWARD, 2009, p.18).

Em consulta ao site QEdU¹⁸, de acordo com os resultados da Prova Brasil de 2017, no questionário¹⁹ respondido pelos professores, sobre os possíveis problemas de aprendizagem discentes, a maioria, 85%, afirma que os possíveis problemas de aprendizagem dos discentes não ocorrem por inadequação curricular. Desta forma, entende-se que possivelmente para esses docentes, o currículo oficial elaborado pelo Estado é pertinente aos discentes, mesmo muitas vezes este sendo trabalhado na sala de aula de forma fragmentada.

Dando continuidade no mesmo questionário, 91% dos professores afirmam que o desinteresse e falta de esforço do aluno podem estar ligados aos problemas

¹⁸ Plataforma online voltada a profissionais da educação no geral, que reúne dados de pesquisas nacionais, como a Prova Brasil, o ENEM e o Censo Escolar, retirados do INEP.

¹⁹ Disponível em: <https://www.qedu.org.br/brasil/pessoas/professor>. Acesso em: 27 de out de 2019.

de aprendizagem, ou seja, segundo essa afirmação, é necessário que o discente se envolva com o conteúdo ministrado para efetivação da construção do conhecimento. Como também, 69% dos docentes acreditam que estes problemas estão ligados a indisciplina dos discentes em sala. A partir da análise destes resultados, para a maioria do professorado entrevistado através de suas respostas, poderia-se deduzir que o problema de aprendizagem estaria nos discentes e não em como é ensinado e o que é ensinado?

Portanto, embora a maior parte dos professores afirmarem que os problemas de aprendizagem não estão ligados a inadequação curricular, questiona-se então: se os conteúdos curriculares são pertinentes aos discentes, porque os mesmos estão cada vez menos interessados com a sala de aula e os conteúdos trabalhados nela? Que tipo de disciplina se espera de um aluno do século XXI, que vive em um mundo hiperestimulado? Seria necessária uma inovação nos métodos didáticos?

Certamente existem inúmeras variáveis envolvidas nas problemáticas que rodeiam a escola, como por exemplo o desinteresse dos discentes, e entre uma das respostas para esta questão, poderia-se afirmar a falta de conexão entre os conteúdos apresentados, ou a forma que são apresentados e a realidade dos mesmos.

Entretanto, para avaliar as prováveis motivações é necessário uma análise específica de cada unidade escolar, considerando o Estado em que está localizada, região, corpo docente, os funcionários, estrutura física, leis educacionais vigentes, situação econômica e emocional da família e do próprio aluno. Em outras palavras, cada escola contém suas singularidades, como também características que são comuns a outras escolas, e os problemas vivenciados nela cambiam entre esferas públicas e privadas, interferindo diretamente nos resultados visualizados no “produto” final, a aprendizagem dos alunos.

Estes questionamentos mais abrangentes juntamente aos resultados das pesquisas evidenciados anteriormente sugerem uma reflexão sobre a dicotomia geracional no ambiente escolar. Ressalta-se que, de acordo com o questionário citado, 59% dos professores tem mais de 40 anos e embora a idade não seja um impeditivo, 67% dos docentes indicaram a necessidade de aperfeiçoamento profissional no uso pedagógico das Tecnologias de Informação e Comunicação. Desta forma a popularização do acesso e manuseio das novas tecnologias entre adultos não implicam necessariamente o domínio e aplicabilidade destas no cenário educacional, como aponta o relatório “Education at a Glance: OECD Indicators²⁰”, sobre o Brasil em 2015:

[...] os professores no Brasil sentem que precisam estar mais preparados para utilizar ferramentas tecnológicas no ensino. Cerca de 27% dos professores dos anos finais do ensino fundamental declararam ter um alto nível de necessidade de desenvolvimento profissional no ensino com as TIC e 37% declararam ter necessidade de desenvolvimento profissional no uso de novas tecnologias no local de trabalho. Esses percentuais estão bem acima das respectivas médias OCDE de 18% e 15% e estão entre os maiores de todos os países que participam na TALIS.

²⁰ Disponível em: <https://www.oecd.org/brazil/Education-at-a-glance-2015-Brazil-in-Portuguese.pdf>. Acesso em: 09 de nov de 2019.

Posto isto, quais medidas tomar ao visualizar este cenário? O que professores, coordenadores pedagógicos e diretores podem fazer em relação a isso? O que os cursos de licenciatura estão fazendo ou devem fazer? Neste sentido, sobre a formação de professores, o ensino e a sala de aula:

Os/as futuros/as professores/as e os/as atuais precisam ser educados/as sobre a viabilidade de se desenvolver uma aprendizagem baseada no contexto e que leve em conta as experiências dos/as estudantes e suas relações com a cultura popular e o terreno do prazer (GIROUX, 2013, p. 94).

Parece pertinente refletir sobre o que se ensina a essa nova geração, das primeiras décadas do século XXI, que é produzida através dos meios de comunicação de massa, para que assim, esta subjetividade midiática consiga se enxergar no currículo posto na sala de aula, proporcionando uma aprendizagem significativa.

Seguindo esta linha de raciocínio, Noel Gough, explana em seu artigo "Manifesting Cyborgs in Curriculum Inquiry", a necessidade de adequação curricular com textos contemporâneos para os jovens, visto que,

Se quisermos estabelecer relações pedagógicas mutuamente gratificantes com os tipos de jovens que, como muitos críticos culturais afirmam, "não têm senso de história", "vivem num mundo de simulacros" e "veem a forma humana como provisória" (Hayles, 1990, 282), então precisamos atender de perto a mídia através da qual - e quais pontos de vista formam - podemos ser capazes de alcançar significados compartilhados (GOUGH, 1995, p. 73, tradução nossa)²¹.

Considerando as inadequações da estrutura escolar produzida sob os moldes disciplinares do século XIX, as mudanças ocorridas na sociedade do século XX e os novos tipos de subjetividade, midiática conforme Sibilia (2012), dos jovens do século XXI, é necessário buscar novas formas de ensino que visem equalizar as diferenças vivenciadas dentro da escola, como também a instrução sobre as oportunidades e riscos proporcionados pelo ciberespaço.

Sendo assim, é importante que o professorado, de acordo com a disponibilidade do mesmo e da instituição escolar onde trabalha, procure incluir, aos poucos e de forma consciente/problematizadora, elementos da cultura de mídia dentro da sala de aula. Tratando-se do cenário das escolas públicas brasileiras, sabe-se que suas estruturas em grande maioria não contemplam recursos tecnológicos, como computadores ou tablets, porém este fato não impossibilita totalmente o trabalho docente, podendo este lidar com aspectos da cultura de mídia, como as mídias sociais digitais, por exemplo, uma vez que o telefone celular, geralmente, é o instrumento mais usados por jovens, 93% segundo a pesquisa TIC Kids Online Brasil 2018, para se conectar ao ciberespaço, como será exemplificado no tópico seguinte, uma das possibilidades da utilização do meme, uma linguagem da cultura de mídia, no Ensino de História.

²¹ If we are to establish mutually rewarding pedagogical relationships with the kinds of young people who, as many cultural critics assert, 'have no sense of history', 'live in a world of simulacra' and 'see the human form as provisional' (Hayles, 1990, 282), then we need to attend closely to the media through which - and the standpoints from which - we might be able to achieve shared meanings.

3 O MEME COMO RECURSO DIDÁTICO NAS AULAS DE HISTÓRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO DE REGÊNCIA

A experiência de Estágio de Regência envolve muitas expectativas, uma vez que o aluno de licenciatura vivência as alegrias e os desafios que envolve a escola e a sala de aula. Sendo assim, uma das problemáticas encontrados pelos futuros professores de história do Ensino Básico é o perfil de discentes, nativos digitais de subjetividade midiática, que exigem instantaneidade, informações de rápida leitura e admiram o futuro por meio de inovações tecnológicas. Essas características são antônimas do senso comum que fazem da disciplina escolar de História, que para muitos, trata apenas do passado dado, pronto e acabado, sem conexão com o presente.

Deparando-se com essa realidade, recomenda-se que o professor elabore formas didáticas de ensino na tentativa de superar este desencontro de perspectivas, como aponta Schmidt e Cainelli (2011), ao afirmar que um dos focos da aprendizagem necessita “levar em conta os conhecimentos, habilidades, crenças e conceitos prévios ou tácitos que os discentes trazem para a escola, relacionados com cada conhecimento a ser aprendido” (p. 54). Desta forma, torna-se cada vez mais substancial realizar uma aula significativa, atrelado ao uso da reflexão, partindo de elementos do presente, para refletir sobre o passado, na tentativa de obter a construção da consciência histórica junto aos discentes, ultrapassando a memorização. Como afirma Caimi (2006):

Levar em conta o universo da criança ou do adolescente não é, pois, abdicar do rigor intelectual ou do valor do conhecimento histórico, mas garantir que a apropriação deste conhecimento ocorra permeada de sentido e significação, resultando em sólidas aprendizagens (p. 24).

Para isso sugere-se que o docente domine o tema proposto, utilize a criatividade, conheça seus discentes e tenha um bom embasamento teórico no momento da preparação do plano de aula, corroborando com a primeira competência colocada pela Base Nacional Comum Curricular que estimula “valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva (BRASIL, 2018, p. 9)”

Isto posto, durante a minha experiência de Estágio de Regência II, no segundo semestre de 2018, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Frederico Lundgren²², ministrando aulas no 8º ano A, sobre o Período Regencial e Segundo Reinado, para adolescentes com idades entre 13 e 18 anos, em que mais da metade da sala demonstravam grande desinteresse no componente curricular de história, optei pelo diálogo com algo que fizesse parte do cotidiano destes.

Desta forma, com intuito de conhecer melhor o perfil dos discentes, realizei uma pequena pesquisa informal para saber se utilizavam internet com frequência, possuíam smartphones, tinham contas em mídias sociais digitais e se sabiam o

²² Escola Estadual de pequeno porte situada na cidade de Rio Tinto (PB), composta por fundamental anos iniciais (58 discentes) e finais (117 discentes), PEJA (300 discentes) e ALUMBRAR. Tem como perfil de discentes moradores do centro da cidade. Foram realizadas aulas em apenas uma turma constituída por 23 discentes, no período de 11/09 a 11/10/2018. Dados referentes ao ano que foi realizado o Estágio (2018).

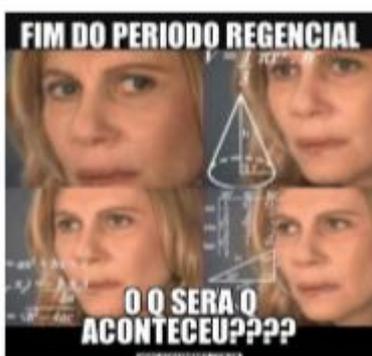
que eram memes. Como resultado a maior parte da turma (22 de 23 discentes) deram respostas afirmativas.

Como a grande maioria já estava familiarizada com as linguagens das mídias sociais digitais, mais especificamente, o meme, selecionei-o para transformá-lo em recurso didático. Aponta-se que Meme é uma noção formulada pelo etnólogo, biólogo e escritor Richard Dawkins em seu livro “O Gene Egoísta” (2007), fazendo alusão ao conceito de gene, referindo-se a ideia de uma unidade de transmissão cultural. Dawkins dá exemplos de memes como slogans, modas de vestuários, ou a própria ideia de Deus, neste caso, causando celeuma entre religiosos, em especial, no seu livro “Deus, um delírio” (2004), em que apresenta argumentos de como as ideias sobre o sagrado foram propagadas.

Com a difusão da internet no fim do século XX e início do século XXI, o meme passou também a representar elementos da cultura popular dos usuários das mídias sociais digitais, como, por exemplo, vídeos, expressões, imagens, com capacidades de se fecundar. Podem ser divididos em alguns tipos, segundo Chagas e Toth (2016), como *image macro* (fotografia com legenda), *exploitables* (montagens com sobreposição de imagens), *look-alikes* (justaposição de retratos de personagens lado a lado para fins de comparação), entre outros.

Sendo assim, resolvi utilizá-lo como recurso didático, no tipo de *image macro*, nas minhas aulas de história do estágio, uma vez que esta linguagem é bastante comum entre os adolescentes. Porém, não consegui encontrar nenhum meme que se referisse ao período histórico (Brasil Imperial) que estava sendo tratado. Então, a partir da ferramenta disponibilizada gratuitamente na internet, no site Gerar Memes²³, construí meus próprios memes a respeito da temática:

Figura 1 – Meme Nazaré Tedesco: Período Regencial



Fonte: Arquivo particular da autora (2018).

Na figura 6²⁴ temos a imagem da vilã da telenovela “Senhora do Destino”, exibida pela rede de televisão Globo em 2004, cuja personagem Nazaré Tedesco, interpretada pela atriz Renata Sorrah, após invadir a casa de sua rival e ser presa, no momento que está em sua cela, passa a relembrar momentos ocorridos em

²³ O site disponibiliza imagens que são reconhecíveis por grande parte dos usuários no ciberespaço, notadamente nas mídias sociais digitais. É possível pelo aplicativo inserir e modificar legendas, atribuindo novos sentidos aos temas que deseja serem reconhecidos, aliando uma imagem identificável com o conteúdo textual. Posteriormente, a imagem é salva no dispositivo, o que a torna possível de ser publicada e replicada. Disponível em: <https://www.gerarmemes.com.br/>.

²⁴ A reapropriação do meme Nazaré Tedesco foi feita uma vez que neste a personagem demonstra uma feição confusa, olhar perdido, que tenta entender o que está acontecendo. As fórmulas matemáticas elucidam a reflexão sobre o ocorrido, reforçando o caso proposto: o motivo do fim do Período Regencial.

outros episódios da trama. E na figura 7 a pequena Chloe, menina norte-americana, que viralizou após sua mãe publicar um vídeo em seu canal no Youtube anunciando que iria a Disneylândia e sua reação, ao contrário da irmã Lily que chorava de alegria, demonstrava espanto e desconfiança. As feições de Chloe e Nazaré, que podem simbolizar algumas situações rotineiras, acabaram viralizando nas redes sociais digitais e se tornaram memes, desde 2013 e 2016 respectivamente.

A partir dos memes e a forma memética de escrita nas legendas (“q”, “COMASSIM”), em que o uso de abreviações são comuns ao ciberespaço, foram utilizados para chamar atenção dos discentes, objetivando que os mesmos lessem e refletissem, introduzindo o assunto, e assim o tema proposto foi desenvolvido.

Desse modo, as aulas eram dialogadas, diferente do ensino tradicional em que o docente não permite a interação do discente, questionamentos eram feitos para aprofundar a temática. Ao visualizarem e identificarem os memes expostos, ficaram intrigados, e naquele momento, passaram a prestar mais atenção, interagindo com mais afinco sobre os eventos propostos, uma vez que reconheceram na aula, estes elementos da cultura de mídia que fazem parte do seu cotidiano:

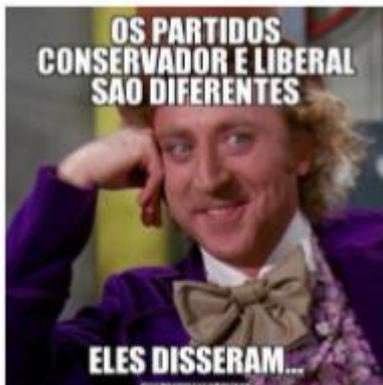
Figura 2 – Meme Chloe: Golpe da Maioridade



Fonte: Arquivo particular da autora (2018).

Dando continuidade, próximo ao final da aula, apresentei a figura 8, utilizada como base para um exercício feito em sala:

Figura 3 – Meme Willy Wonka irônico: partidos políticos Segundo Reinado



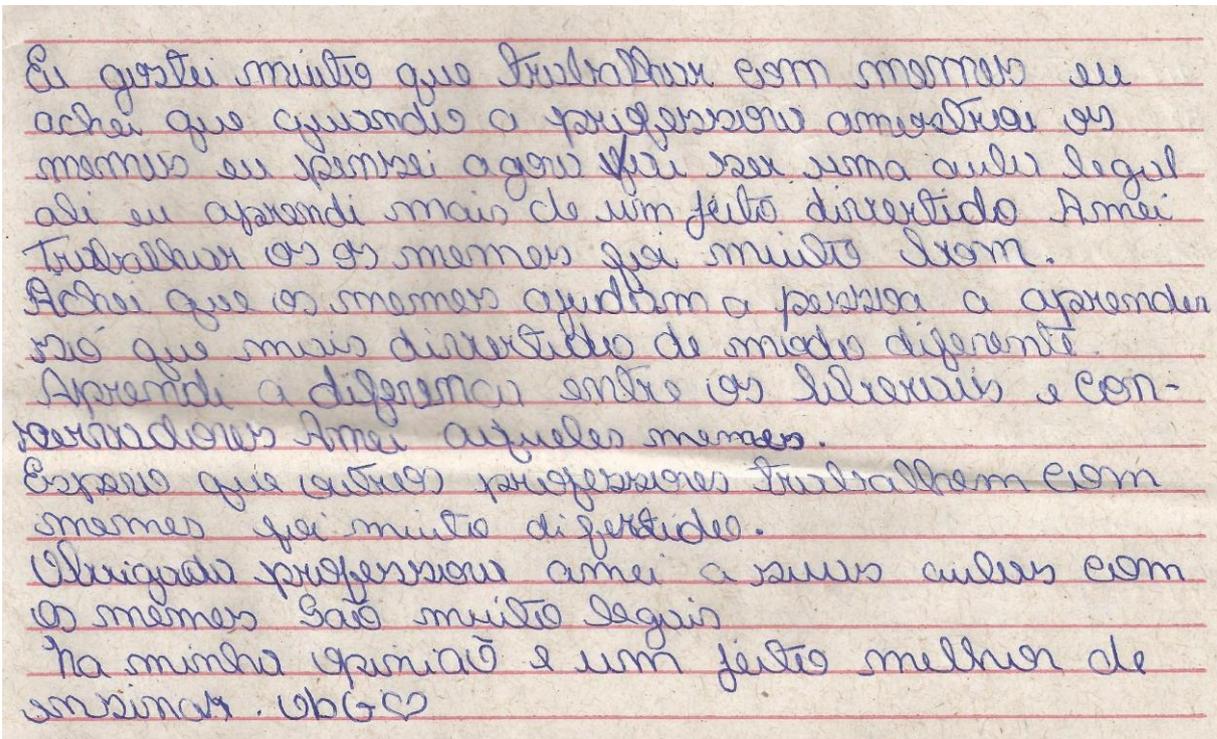
Fonte: Arquivo particular da autora (2018).

Ao visualizarem o meme, perguntei a turma o que eles acharam. Como resposta, afirmaram que o Willy Wonka²⁵ estava sendo irônico. Indaguei o porquê da ironia e quais as diferenças entre os partidos liberal e conservador (1840). Assim, elencaram algumas diferenças entre eles, e afirmaram que, apesar das diferenças, ambos tinham atitudes semelhantes, como a chegada ao poder para a manutenção de seus privilégios e a desconsideração das questões sociais.

É necessário ressaltar que, como recurso didático, os memes foram utilizados em momentos específicos (início e fim) desta aula, e não durante todo período do estágio, pois o recurso didático deve ser utilizado como fio condutor, entre a linguagem da cultura de mídia dos discentes e o conhecimento histórico que foi desenvolvido por mim. Além dele, e principalmente, o conteúdo promoveu reflexões, como por exemplo, sobre o conceito de regência, se essa forma de governo poderia acontecer na atualidade, caso não, o porquê disto, ou as motivações que culminaram no golpe da maioria. Sendo assim, o meme, enquanto recurso didático, foi um meio utilizado, e não o fim durante as aulas.

Encerrado o período de estágio na escola, como forma de avaliar a minha prática docente através das opiniões dos discentes, pedi que escrevessem o que mais tinham gostado no assunto trabalhado em sala e o que acharam do uso de memes nas aulas. Alguns discentes afirmaram²⁶ terem gostado muito da utilização dos memes nas aulas, contribuindo para uma aprendizagem significativa, como pode-se observar no relato da discente:

Figura 4 – Relato da discente



Eu gostei muito que trabalhassem com memes eu acho que quando o professor usa memes os alunos aprendem mais e a aula fica mais legal ali eu aprendi mais de um jeito divertido. Amei trabalhar com os memes foi muito bom. Acho que os memes ajudam a pessoa a aprender mais que mais divertido de modo diferente. Aprendi a diferença entre os liberais e conservadores. Amei aqueles memes. Espero que outros professores trabalhem com memes foi muito divertido. Obrigada professora por usar memes em suas aulas com os alunos. São muito legais. Na minha opinião é um jeito melhor de ensinar. UBG

Fonte: Arquivo particular da autora (2018).

²⁵ Personagem interpretado pelo ator Gene Wilder no musical, de 1971, A Fantástica Fábrica de Chocolate.

²⁶ Outros dois relatos foram digitalizados e estão anexados ao artigo.

Sendo assim, a utilização dos memes como recurso didático na aula de história no estágio de regência²⁷ foram significativas para os discentes, de acordo com o que foi afirmado por eles. Incluir elementos da cultura de mídia, atrelado ao embasamento teórico pelo professor indicaram bons resultados na busca de superar um dos motivos do desinteresse. Certamente existem uma gama de desafios que envolvem o desentusiasmo do alunado, como também problemáticas que envolvem o professor e a escola, em questão de condições de trabalho, valorização da categoria, situações de violência²⁸ física e emocional, entre tantos outros que abarcam a educação básica no Brasil.

Inserir na aula traços recorrentes a cultura da mídia, tão comum aos nativos digitais, pode/deve dar início a problematização e orientação sobre outras questões do ciberespaço, como o cyberbullying, o aliciamento virtual, o fake news, e até mesmo instruir os discentes em como checar informações e realizar boas pesquisas escolares em sites confiáveis. Como indica a BNCC na competência número 5:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2018, p. 9).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações vivenciadas no século XXI, tanto nas instituições escolares, um dos temas analisado neste artigo, quanto a forma de subjetividade midiática observada nos adolescentes da atualidade, e a formação do professorado, do século XX, propiciam uma dicotomia geracional, como foi afirmado anteriormente.

A intensificação de acessos no ciberespaço e a utilização das mídias sociais digitais que é, de fato, um mediador/meio entre a cultura digital e a cultura de mídia, influenciam diretamente nos modos de vida dos nativos digitais, viventes em uma sociedade de controle, principalmente quando a subjetividade cidadã, “filha” da sociedade disciplinar, se estabelece como padrão para medir os jovens da atualidade, comumente rotulando-os de forma generalizada através de transtornos psicológicos, como o déficit de atenção e hiperatividade.

Desta forma, pôde ser constatado a resistência a rotina escolar e a insatisfação ao componente curricular de história imposto a geração Z, principalmente pelo fato de que estes vivem em uma sociedade de controle, imersos em um mundo hiperestimulado de fronteiras tênues entre o virtual e o “real”, como constou-se através da interpretação das estatísticas expostas, e a experiência do Estágio de Regência II.

Junto a esta nova forma de subjetividade, através dos questionários e do relatório da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, percebeu-se que uma quantidade considerável de professores afirmaram a

²⁷ Componente curricular dos cursos de licenciatura em que o discente do mesmo vai à escola colocar em prática os conhecimentos teóricos, além de testar experiências criativas agregadoras a sua prática docente futura.

²⁸ Disponível em: <https://undime.org.br/noticia/29-04-2019-13-51-brasil-lidera-ranking-da-ocde-de-violencia-contra-professores->. Acesso em: 9 de nov de 2019.

necessidade de maior preparação para utilização de ferramentas tecnológicas dentro da sala de aula, neste sentido, esta pesquisa propõe a inserção de extensões universitárias, componentes curriculares ou nas ementas dos já existentes, conteúdos que reflitam sobre as tecnologias digitais como recurso pedagógico e como elemento da sociedade contemporânea que deve ser problematizado, nos cursos de licenciatura plena, notadamente nas universidades públicas, já que os profissionais destas, normalmente atuam nas escolas de ensino básico, também públicas.

Contudo, enquanto perdura a falta de atenção por parte da União, com as escolas públicas brasileiras, em que as mesmas dificilmente disponibilizam uma estrutura física adequada, principalmente na oferta de computadores ou internet para os docentes e discentes, sugere-se como pontapé, que o professorado, licenciados em História ou não, construam seus próprios memes, utilizando-os de forma didática em suas aulas, como objetivo de proporcionar uma aula mais significativa, na tentativa de diminuir esta dicotomia geracional, incluindo elementos do cotidiano desta subjetividade midiática, como ocorreu na experiência do Estágio de Regência II, ressaltando-se que a utilização destes elementos não são a solução total para as problemáticas de aprendizagem, considerando que esta envolve elementos que incluem questões maiores da educação básica.

Desta forma, espera-se que os memes em sua capacidade de replicação, consigam ultrapassar os muros das escolas e as fronteiras entre os saberes em sua criação, transcrição e replicação. Sendo assim, retornamos ao título. Grafado na afirmativa e sendo decodificado como uma questão: A mente que replica o meme? No fluxo de possibilidades do mundo digital, aprendizado de máquinas, bigdata²⁹ e algoritmos, recorreremos ao nosso mais complexo e sofisticado sistema de construção de memórias, sentimentos e esquecimentos. Nesta mente/meme, espera-se que memeplexos de historicidade se conectem entre discentes e professores, a partir daí, na comunidade, de forma mais ampla e impactante que os falseamentos do passado tão recorrentes nos últimos anos da primeira década do século XXI.

REFERÊNCIAS

BLOCH, M. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

CAIMI, E. F. **Porquê os alunos (não) aprendem história?** Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. Revista Tempo, v. 11, n° 21, jun. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v11n21/v11n21a03>.

DAWKINS, R. **O gene Egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
 _____ . **Deus, um delírio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

²⁹ Termo que descreve a análise e a interpretação de grandes volumes de dados de grande variedade.

DELEUZE, G. **Conversações**, 1972-1995. São Paulo: Ed. 34, 1992

DURÃES, A. J. S. **Aprendendo a ser professor(a) no século XIX**: algumas influências de Pestalozzi, Froebel e Herbart. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.37, n.3, p. 465 - 480, set./dez. 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022011000300002>.

DUSSEL, I. **A invenção da sala de aula**: uma genealogia das formas de ensinar. São Paulo: Moderna, 2003.

FOUCAULT, M. Os corpos dóceis. In. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **Segurança, território, população**: Curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GIROUX, H. Praticando Estudos Culturais nas faculdades de educação. In: SILVA, T. T (org). **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 94.

GOUGH, N. **Manifesting Cyborgs in Curriculum Inquiry**. *Melbourne Studies in Education*, 36:1, 1995, 71-83.

GREEN, B; BIGUM, C. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, T. T (org). **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 209.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

PRENSKY, M. **Nativos Digitais Imigrantes Digitais**. MCB University Press, Vol. 9 No. 5, outubro 2001.

SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano**: Da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SIBILIA, P. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, O. **As grandes Revoluções do século XVIII e o Iluminismo**. *REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA DA PEDAGOGIA*, Número 30 – janeiro de 2018 – Periódico Semestral.

SCHMIDT, M. A; CAINELLI, M. **Ensinar história**. 1. ed. — São Paulo: Scipione, 2011. (Coleção Pensamento e ação na sala de aula)

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. T. T. S (Org). Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ANEXO – Relatos de discentes

- Justiça -

Eu gostei muito do meu tempo de estágio, gostei porque você deixa a gente se expressar da nossa maneira.

O assunto que eu mais gostei foi sobre os revoltas, acho interessante e também inspirados ver as pessoas lutando pelos seus direitos.

Memes na aula

Achei muito legal a ideia de colocar coisas que os adolescentes usam diariamente nas aulas, se torna mais legal a aprendizagem.

História

Redação

Meu nome é [redacted] Vou escrever o que eu mais gostei sobre o Segundo reinado, Bom o que eu mais gostei foi as revoltas e sobre o golpe de maior idade para que Dom. Pedro II assumisse o trono alcançasse as revoltas que o povo estava fazendo.

No que os memes ajudam para o ensino?

Bom para mim os memes ajudam sim, pois além deles nos divertimos também ajuda para aprendermos coisas que não sabíamos e coisas que vamos aprender.